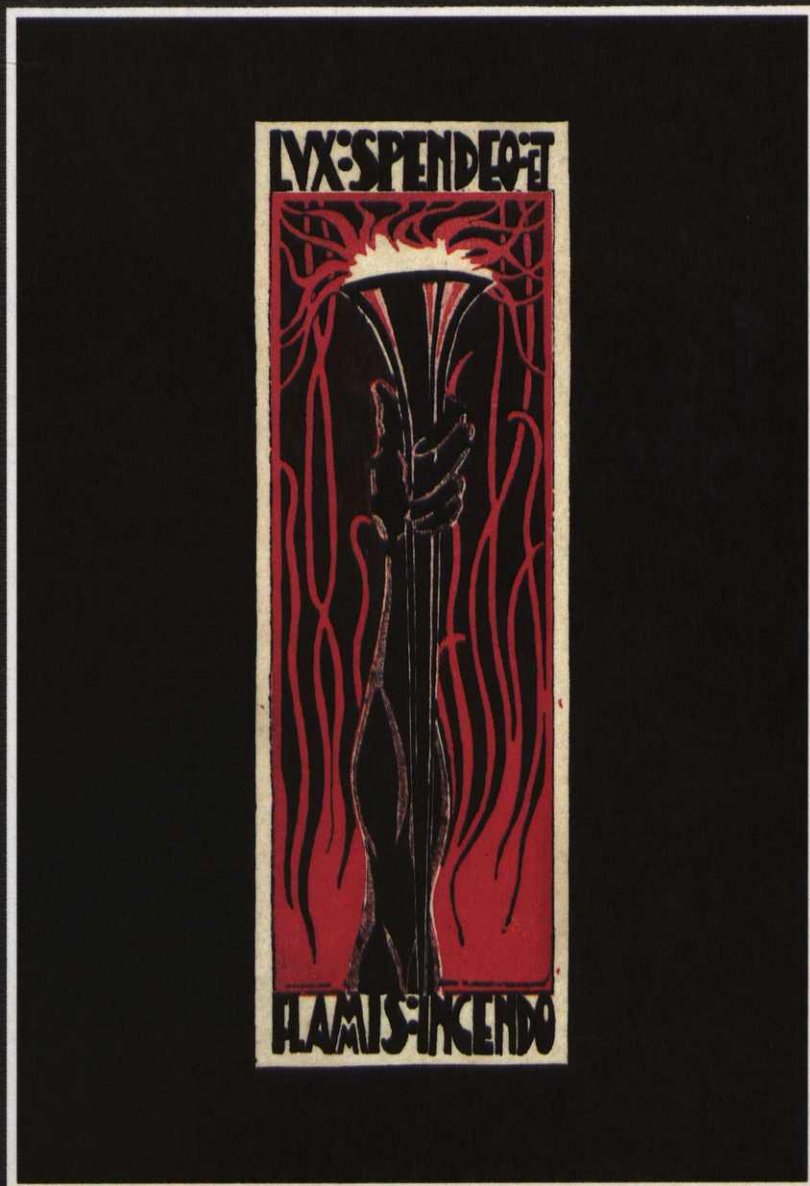


António Reis • Eduardo Lourenço • João Freire • José-Augusto França  
José Augusto Seabra • Manuel Braga da Cruz • Paulo Archer de Carvalho  
Paulo Samuel • Rogério Fernandes

# REVISTAS

## IDEIAS E DOCTRINAS

Leituras do Pensamento Contemporâneo



LIVROS HORIZONTE

Shi

ANTÓNIO REIS, EDUARDO LOURENÇO, JOÃO FREIRE,  
JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA, JOSÉ AUGUSTO SEABRA,  
MANUEL BRAGA DA CRUZ, PAULO ARCHER DE CARVALHO,  
PAULO SAMUEL, ROGÉRIO FERNANDES

# REVISTAS

## IDEIAS E DOCTRINAS

LEITURAS DO PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO

**Apresentação**

**ZÍLIA OSÓRIO DE CASTRO**

**Introdução**

**LUÍS CRESPO DE ANDRADE**



Apoios:

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa  
Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa  
Biblioteca Nacional

O Projecto de Investigação *Revistas: Ideias e Cultura (1900-1930)* é apoiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia e pelo POCTI, sendo participado pelo FEDER

Edição com o patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian

**Título:**

Revistas  
Ideias e Doutrinas  
Leituras do Pensamento Contemporâneo

**Autor:**

Vários

**Revisor:**

Cristina Cruz

**Capa:**

Estúdios Horizonte

**Ilustração da Capa:**

Seara Nova, n.º 8, 15 de Fevereiro 1922



© Livros Horizonte, 2003

ISBN 972-24-1142-X

Paginação e fotolitos:

Gráfica 99

Impressão:

Rolo & Filhos

Janeiro 2003

Dep. legal n.º 163640/01



Reservados todos os direitos de publicação total ou parcial para a língua portuguesa por LIVROS HORIZONTE, LDA.  
Rua das Chagas, 17-1.º Dt.º - 1200-106 LISBOA  
E-mail: [livroshorizonte@mail.telepac.pt](mailto:livroshorizonte@mail.telepac.pt)

## ORFEU E PRESENÇA

EDUARDO LOURENÇO

Começo por agradecer, à Professora Zília Osório de Castro, o convite que me fez para estar aqui, esta tarde, para comentar o tema do relacionamento da *Presença* e da *Orfeu / Orfeu e Presença*. Agradeço igualmente as palavras amáveis com que me apresentou a doutora Elsa Rita dos Santos, que não se destinavam, naturalmente, a fazer qualquer retrato natural ou biológico, mas a dizer o que é que eu fiz nesta vida.

Boa tarde a todos! Está um calor tórrido nesta Lisboa que a gente já sabe que é meia tropical, mas não tanto.

Eu penso – e já foi dito – que a professora Zília se lembrou do meu nome por causa do famigerado texto que escrevi já há muito tempo, na década de cinquenta, intitulado juvenilmente, provocatoriamente, “*Presença* ou contra-revolução do modernismo”. Provavelmente, não ficará nada de mim (nunca fica nada de ninguém), senão alguma nota de rodapé onde será assinalado que eu escrevi esse artigo, e basta. Isto porque há dentro deste processo complexo a que chamamos “a cultura e as suas mitologias”, de um lado, certo número de discursos acerca da criação cultural e, do outro lado, alguns actos que, em vez de serem unicamente reflexões, considerações mais ou menos eruditas, ou mesmo menos sábias ou pertinentes sobre esta ou aquela produção, se convertem em acto, mesmo sem a gente querer. Esse artigo, pelo visto, foi um acto.

Passei uma parte da minha vida a explicar – embora só o tivesse conhecido bastante tarde – ao senhor doutor João Gaspar Simões – hoje uma personalidade relativamente esquecida, mas que, na primeira metade do século e ainda em parte da segunda, foi uma personalidade marcante da crítica literária – o que é que eu tinha querido dizer nesse artigo. Ele ouviu de uma maneira muito distraída. Passados alguns anos, encontrámo-nos em Nashville e tornou a lembrar-me essa malfeitoria de ordem crítica e histórico-literária que eu tinha cometido com esse maldito artigo.

Ainda hoje, um meu amigo muito caro e alguém que tem a *Presença* como uma espécie de lugar ideal e referência fundamental da sua cultura e dos seus valores, o meu amigo poeta Luís Amaro, me envia regularmente tudo quanto sai de elogioso em relação à *Presença*, quer no presente quer no passado, para mostrar que a *Presença* não só existe, mas foi uma criação, uma expressão cultural extremamente importante dentro do nosso século XX.

Coisa, evidentemente, de que – como podem imaginar – eu nunca duvidei e até considero a *Presença* um dos dois ou três grandes mitos culturais do século XX.

Quando pensamos na *Águia*, por exemplo, sabemos-la do século XX, mas como Teixeira de Pascoaes já era um grande autor nos finais do século XIX, consideramos que a revista tem uns ares do século XIX. No século XX, há a *Orfeu*, naturalmente, há a *Presença* e depois haverá, provavelmente, o neo-realismo, como uma espécie de mito e contra-mito, e, ao mesmo tempo, o surrealismo. Estas foram as grandes manifestações, pelo menos até metade do século, que hoje fazem parte da nossa memória cultural do século XX, do século passado – e isso já é um abismo de reflexões e de vertigens, pensar que eu estou a falar de um século passado e que estou num século passado.

A verdade é que saber o que é a *Orfeu* e o que é a *Presença* será conhecer aquilo que foram os grandes poetas, ou criadores ou romancistas que pertenceram a essas revistas e que têm fora delas uma história, um percurso e uma inscrição dentro do quadro da cultura portuguesa.

No último ano, fizeram-se vários balanços das pessoas importantes deste século, a vários títulos, e não há dúvida que encontrei uma grande lacuna, um grande buraco, em todas essas listas que circularam por aí – que são sempre muito aleatórias e são função da luz particular que é a do momento ou dos finais do nosso século – e essa grande lacuna chama-se José Régio. Como se o José Régio tivesse desaparecido por um buraco quando é uma das grandes personalidades literárias do século XX e, particularmente, no plano da criação: como dramaturgo, poeta, romancista e, sobretudo, como consciência crítica fora do comum e inovadora para a minha geração, de uma maneira indirecta, mas também para outras consecutivas e mesmo para a sua.

De algum modo, também o era o João Gaspar Simões a quem chamei um pouco provocatoriamente o “pater criticus” nacional porque, efectivamente, ninguém viveu tanto como ele uma certa figura do crítico e da crítica a vários títulos notável e quase sacrificial. Ninguém, antes dele, tinha tomado o exercício da crítica tão a peito como ele o tomou. As pessoas hoje não têm ideia a que ponto João Gaspar Simões era uma espécie de termómetro da produção nacional. Se alguém tivesse uma boa crítica dele, então tinha alguma chance que o livro fosse vendido, se ele, por qualquer motivo, não tinha gostado do livro e dizia porquê, nessa altura o autor podia arrumar as malas – e alguns

arrumaram as malas, eu conheci algumas pessoas que desistiram da carreira literária com uma má crítica do João Gaspar Simões. Eu acho que hoje ninguém arruma mala nenhuma, mesmo com a pior crítica de toda a assembleia dos críticos portugueses, muito pelo contrário, provavelmente será isso que o lançará. Se algum autor obtiver esse género de votação negativa, então ele estará certo de que terá algum sucesso publicitário, o que não era o caso naquele tempo.

Venho aqui falar destas duas revistas – não propriamente do momento *Orfeu* nem do momento *Presença*, mas desse momento enquanto revistas, porque é disso que se trata aqui neste ciclo – que marcaram o tempo cultural português da primeira metade do século e é paradoxal, porque eu não as conheci – não é obrigatório tê-las conhecido. A verdade é que nisso, como noutros campos, não tive nenhuma espécie de precocidade, saí do liceu com uma cultura literária praticamente negativa – o que nem sempre é um mal – e descobri tudo em Coimbra, onde há sempre uns iniciadores. As pessoas são iniciadas nessas coisas, mas eu não fui iniciado. Quando tinha dezassete anos podia, efectivamente, ter apanhado a última fase da *Presença*, mas não apanhei. A *Presença* extinguiu-se em 1940, no mesmo ano em que fui estudar para Coimbra, e na minha família não havia essas tradições literárias e culturais, não havia piano, mas também não havia revistas e mesmo o jornal era colectivo lá na aldeia.

Não conheci a *Presença*, mas conheci presencistas ou gente que esteve muito ligada à *Presença*, inclusive o dissidente mais célebre que foi Miguel Torga. De algum modo, foi através de Miguel Torga que conheci um pouco desta história interna da *Presença* e uma certa imagem que ele deu dessa revista. Este tal artigo (“*Presença* ou a contra-revolução do modernismo”) deve ter sofrido alguma influência da sua parte e da imagem que me transmitiu. Li a revista, pela primeira vez, na edição facsimilada – trouxe a revista porque alguns podem não saber que alguém teve a ideia magnífica de editar várias revistas realmente importantes do século passado e, entre elas, estes três volumes magníficos onde está toda a *Presença* –, em que se pode ler agora toda a *Presença* e com uma comodidade extraordinária. Mas isto não nos faz contemporâneos da *Presença*. Trata-se da *Presença* na história, é um documento que nós podemos ler como um palimpsesto. E, por isso, está próximo e nós reconhecemos rapidamente que estes eram os nossos pais, estes eram os que estavam vivendo os momentos de um certo contexto cultural que vai ser ainda o nosso por muito tempo e algumas dessas figuras vão dominar ainda esse próprio tempo cultural para a minha geração.

No prefácio a esta edição, o David Mourão-Ferreira ajusta contas, sem citar ninguém, com as várias reacções à *Presença* que – muito mais do que em relação à *Orfeu* que teve uma reacção forte, mas estrita e rapidamente diluída

e substituída pela carreira de alguns dos seus mais importantes membros: Fernando Pessoa e Almada Negreiros – foi publicada durante uma série de anos, embora fosse uma pequena revista, lida por pouca gente. Mas, provavelmente, era lida pelas pessoas que naquela altura faziam parte de uma nova maneira de se relacionar com a cultura e, em particular, com a literatura. Quer dizer, leram-na aqueles que a deviam ler e aqueles que vão ser a consciência crítica e literária da próxima geração e é isso realmente o que conta. Enquanto que a *Orfeu* não trazia nenhuma espécie de proposta propriamente crítica ou discurso crítico articulado. Portanto, o David Mourão-Ferreira diz aqui – e estou de acordo com a maior parte das coisas que escreve – que a grande parte das pessoas que escreveram, reflectiram ou se referem à *Presença*, com raras excepções, nunca leram a *Presença*. Isto vai-me direito ao coração porque eu sou um deles.

Quando escrevi este artigo, eu nunca tinha lido a *Presença*. Por acaso tinha-a visto, como quem vê a Nossa Senhora de Fátima, em casa do Torga. Um dia, estávamos na conversa em casa dele e ele perguntou-me: “Quer ver a *Presença*?”. Não me fiz rogado: “Quero ver”. O Torga abriu a gaveta da cómoda e disse: “Está ali”. Olhei e recuei diante daquela espécie de sacrário. Foi este o meu contacto físico e momentâneo com a *Presença*.

No entanto, não é por não a ter conhecido que o artigo em questão sofre em relação à revista enquanto tal, trata-se daquilo que conhecia de autores que definiam o espírito da *Presença* e em relação aos quais, mal ou bem, propunha, de uma maneira equivocada ou mais ou menos nova, uma outra abordagem, um outro tipo de leitura. Mas verdade é que quando mais tarde recebi – mais uma vez por indicação do meu amigo Luís Amaro – estes três preciosos volumes, dei-me ao cuidado de “navegar” nas páginas da *Presença*.

Há aqui gente nova, não sei se já há teses sobre a *Presença* – no Brasil seguramente, mas em Portugal não sei, mas isto é um tema em ouro, não é apenas um fogacho –, mas esta revista é, de facto, uma afirmação cultural, uma revista de um determinado período que pode explicar, em parte, ou que é necessário conhecer para saber ler e compreender a *Orfeu* (esta pertence a um outro período). É uma revista com muito interesse ainda hoje e quem a ler ficará surpreendido.

Surpreendido a vários títulos. Já não eram todos estudantes, ou então estudantes do género João de Deus ou João Gaspar Simões. O José Régio já se tinha licenciado, aliás, com uma tese justamente sobre o modernismo, “A moderna poesia portuguesa” era, portanto, já uma consciência muito a par de tudo o que representava a criação e a crítica literárias, mas, além disso, era um agente em Coimbra. Estudantes de Coimbra a que o Almada Negreiros, da outra geração, chamava “os palermas de Coimbra” que, afinal de contas, ainda em Coimbra e depois dispersos através de Portugal (um no Porto, outro na Figueira da Foz, outro em Lisboa, outro em Portalegre) puderam manter essa revista.

Chamavam-se “folhas de arte e crítica” no princípio e só a dois anos do fim, quando se academizaram, a intitularam “revista de cultura”, era o canto do cisne, quer dizer, estavam mesmo à morte. E mesmo graficamente tinham já abandonado a provocação contínua que era a própria apresentação da revista, tendo sido muito inovadores nesse capítulo. Apesar de tudo, mesmo no último número, na capa aparece um rectângulo onde está a figura estilizada de uma mulher com cabelo cortado à garçone que era a moda do tempo, um pouco à Louise Brooks. Agora todas as modas podem coexistir, mas podia-se apresentar a mesma efígie.

Por isso, esta *Presença* merece uma revisitação séria, ou várias, porque há uma pluralidade de pontos de vista, de pessoas completamente diferentes e, sobretudo, de temáticas completamente diferentes, porque é muito voltada para o que poderíamos chamar uma “escuta da cultura europeia da época”, muito mais do que foi a *Orfeu* que, na verdade, mesmo antes quer do Almada quer do Pessoa, tinha alguma coisa inconscientemente ao mesmo tempo europeia e anti-europeia. A geração da *Presença* quis, efectivamente, estar a par do que era o circuito e o fluxo da cultura europeia. E estão realmente a par de tudo, como o João Gaspar Simões, um fã das sabatinas de então, que dizia vir da Figueira da Foz já com a sua *Nouvelle Revue Française* lida, do princípio ao fim. Esta era uma altura em que a cultura francesa hegemonizava completamente o panorama da cultura portuguesa com raras excepções de um ou outro que conhecia alguma coisa de cultura anglo-saxónica, alemã ou italiana. O fundamental, no entanto, eram os grandes autores.

Uma das surpresas da revista é ver até que ponto estes homens, participantes, de algum modo, numa mesma empresa, que se imaginavam colaborando numa missão comum e quase numa mitologia cultural comum, eram tão diferentes. Mas um deles, que é o crítico, aquele que mais escreveu sobre a *Presença* e a mitificou de todas as maneiras e feitios, João Gaspar Simões – mais uma vez – escreveu para separar as águas entre, de um lado, a *Presença* e, de outro, a gente da *Orfeu*: os da *Orfeu*, nós a *Presença*. A *Presença* como uma espécie de barca colectiva, mas as barcas não são assim tão colectivas como aqueles que navegam nelas as imaginam. Basta ler estas páginas para, a propósito das coisas fundamentais, ver as grandes diferenças que há nas abordagens críticas, por exemplo, de José Régio, nas de João Gaspar Simões e de um outro crítico, aquele que fará a passagem para a modernidade e que mais positivamente compreendeu e viveu a mensagem da *Orfeu*, Adolfo Casais Monteiro.

Adolfo Casais Monteiro foi um crítico extraordinário, não sei se me influenciou directamente ou se por acaso acabei por me ver no que escreveu. Foi também uma grande presença crítica absolutamente incontornável nessa época e mais temido ainda do que o João Gaspar Simões, porque quando decidia criticar um livro, então é que não ficava nada.



Imaginem que abrimos a *Presença* e damos com um artigo de João Gaspar Simões – estava tão admirado, de repente o João Gaspar Simões começou a tomar uma outra forma para mim –, em que distingue entre o Eça de Queiroz, autor de *Os Maias*, e um autor, digamos, de presença proustiana, dizendo que era um autor conhecido pela transparência do estilo, da objectividade, etc., e termina com a intuição – ainda hoje válida – de que a grande novidade da visão romanesca e da visão do mundo em geral do Eça de Queiroz foi ter introduzido e ter sentido o tempo na prosa, na arte literária e no romance, como não havia precedente em Portugal. Eu pensei que era do João Gaspar Simões, embora estivesse muito espantado porque sabia que o Gaspar Simões escreveu, e disse mais tarde, que o Eça de Queiroz só tinha escrito um único livro, um livro forte, não artificial ou com o mínimo de artifício, que tinha trazido no ventre e que era *O Crime do Padre Amaro*. Mas isto é o que separa o João Gaspar Simões do Adolfo Casais Monteiro, este último já não acreditava tanto que os livros se fazem no estômago. De qualquer modo, são duas leituras, isto para vos dizer que se percorrermos com atenção a revista *Presença*, agora tão acessível, verificarão que é um manancial e um mostruário único do que era naquele tempo o imaginário português mais moderno, mais actualizado, mais crítico, mais aberto.

Por isso é que a leitura que foi feita do meu artigo é absolutamente atroz, pensar que eu estava, de algum modo, a opor não sei que vanguardismo e revolucionarismo políticos da parte da *Orfeu* a uma espécie de reaccionarismo implícito da parte da *Presença*. Não se trata realmente disso, é o contrário, naturalmente. Do ponto de vista da inscrição ideológica e política da *Orfeu*, de um lado, e da *Presença*, do outro, é o contrário. Embora a *Presença* tenha tido colaborações muito diversas, a gente responsável pela ideologia da *Presença* inscrevia-se – como se costuma, ou costumava, dizer – mais à esquerda do que propriamente à direita e naquele tempo isso tinha um significado forte: não se inscrever à direita era já estar à esquerda. Esse é o tempo, naturalmente, em que a ideologia do Estado Novo é a ideologia hegemónica do ponto de vista político e ideológico e é, por acaso, que esta revista nasce em 1929, no momento mesmo em que Salazar aparece na cena pública.

Não há uma relação de uma coisa com a outra, mas eu lembro-me que há uns anos o Adolfo Casais Monteiro ficou muito indignado porque um famoso professor português que ensinou no Brasil e onde teve uma influência muito grande fazia uma espécie de relacionamento entre a revista *Presença* e as revistas do tempo do Estado Novo. Para Adolfo Casais Monteiro, que mais tarde foi obrigado a exilar-se desse famoso Estado Novo, da pátria que naquela altura tinha um governo ou uma ideologia que se via no Estado Novo, foi uma espécie de aberração total, já que de todos eles era o mais politizado. Mas mesmo José Régio foi uma pessoa que sempre toda a gente considerou que nada tivesse a ver com a nova ideologia.

Agora, ao que a *Presença* não pôde escapar é que ela pertence a esse tempo, tem a ver com esse tempo. De resto, isso manifesta-se, não do ponto de vista político, não aborda muito a questão, mas lateralmente e na medida em que podia tê-lo feito logo que o Estado Novo se instalou com a sua censura. Evidentemente que quem a lê hoje verificará que foi um ponto de crítica, de não aceitação do regime vigente, uma defesa apurada da liberdade individual, de crítica, de criação, muito mais *engagé* do que pareceu à geração seguinte que era, ou se queria, *engagée* num outro sentido muito mais expressivo e em função de outra ortodoxia que é o neo-realismo. De resto, a revista termina num momento em que o neo-realismo começa a instalar-se como discurso ideológico, nomeadamente entre nós de ideologia marxista, e os últimos anos da *Presença* já são de polémica, mais ou menos latente, entre a revista e essa nova geração que estava aparecendo e que ainda colaborou nas páginas da *Presença*: Joaquim Namorado e outros.

Tudo isto explica porque é que mais tarde um jovem aprendiz de filósofo – sem grande formação específica e pertinente de ordem literária e crítica – se meteu na cabeça comparar e situar do ponto de vista cultural e do ponto de vista literário uma revista como a *Presença* e o que os *presencistas* significavam e uma outra que era a *Orfeu*. Na verdade, o que aconteceu em relação à nossa geração foi que era preciso combater este domínio que a *Presença* tinha exercido, enquanto tal, durante quase uns quinze anos e que continuava a exercer através das suas figuras, agora já não ligadas à revista, porque tinha morrido, mas nos magistérios de José Régio e de João Gaspar Simões que continuavam, este último mais forte do que nunca, pois tornara-se uma espécie de crítico oficial nos jornais já importantes do país. O mesmo se passa com Casais Monteiro, quer nos principais jornais quer nas grandes revistas de opinião, na *Seara Nova* ou noutras que iam aparecendo.

Porque é que a certa altura vai acontecer qualquer coisa – deu-se comigo e com outros e provavelmente também com o meu amigo José-Augusto França? Porque é que a *Presença* não morreu, mas se nos envelheceu ou foi posta num outro lugar que não era aquele lugar onde ela estava para ela própria? E foi quase só isto o que eu quis realmente dizer nesse artigo. Foi como se um meteoro tivesse caído no céu da cultura portuguesa dos anos quarenta e, de repente, a ordem da cronologia deixara de corresponder àquilo que para nós era a ordem hierárquica, do valor e do interesse profundo – não negando o interesse à *Presença* –, mas aparecia qualquer coisa que, até ali, tinha estado oculta para nós e que curiosamente tinha sido, em parte, objecto de predilecção, se não de glorificação, embora reticente, da parte dos grandes homens da *Presença* e, particularmente, de José Régio. Foram essas reticências, esse modo de pensar que o segundo modernismo, em termos hegelianos, tinha superado o primeiro, que era uma espécie de modernismo consciente de si próprio enquanto o pri-

meiro tinha sido uma espécie de fenómeno incontrolável, de ruptura, e que depois a *Presença* tinha domesticado essa grande aparição que representou a *Orfeu*, em 1915.

Aconteceu-me descobrir, efectivamente, ao mesmo tempo a *Presença* e a *Orfeu*, enquanto tais, isto através da antologia da Cecília Meireles, que é uma grande poetisa brasileira que os presencistas conheceram. Ela veio a Portugal, conheceu as pessoas importantes daquela altura e, particularmente, essa gente da *Presença*, nomeadamente José Régio. Essa senhora, além de ser uma grande poetisa, era uma estampa – como se dizia no meu tempo –, ainda passados muitos anos o poeta Afonso Duarte falava de forma admirável das célebres pernas da Cecília Meireles. A senhora deixou um rasto de prestígio intelectual e de elegância, de fascínio, que ainda repercutia nos anos quarenta quando eu estava em Coimbra. Ela publicou essa antologia com retratos, que era o máximo da consagração naquele tempo, e lá vinha o Fernando Pessoa e o José Régio, então eu li-os como se fossem os mesmos.

Só me apercebi, alguns anos mais tarde, que não eram bem os mesmos quando surgiu aquilo que foi para a minha geração uma autêntica revelação, isto é, a publicação da antologia de Adolfo Casais Monteiro. Vêm lá o Fernando Pessoa, os seus heterónimos principais e a célebre carta sobre a génese dos heterónimos. Começou ali, imediatamente, uma descoberta de um outro continente que era ignorado pela nossa geração, mas não o era pela *Presença*. Pelo contrário, faz parte da mitologia da *Presença* e do discurso que sobre ela faz João Gaspar Simões: o facto de que foram eles que descobriram a *Orfeu*. Se virem a *Presença* verificarão que, um pouco órfão já da sua geração, a vários títulos, Fernando Pessoa deve ter tido como consolação o facto de esta nova geração o reconhecer como mestre – e não eram muito pródigos nesse tipo de qualificativos – e, por outro lado, estava muito orgulhosa porque Fernando Pessoa lhe enviara uma série de poemas e alguns deles dos mais conhecidos e dos mais notáveis.

Pode dizer-se que a *Presença* foi uma geração que teve consciência do valor extraordinário da *Orfeu*, mas não tanto daquilo que os separava desses mestres, porque se a tivessem tido provavelmente tinham ficado só discípulos, mais ou menos repetitivos, e teríamos um fenómeno cultural pleonástico, em vez de qualquer coisa que tem uma originalidade própria e que é esta *Presença*.

O que me chocou foi que estes dois momentos, o momento *Orfeu* e o momento *Presença*, significam culturalmente dois afloramentos diversos que cada um pode interpretar de maneira diferente. Pode mesmo imaginar-se que a *Presença* representou, ou representa ainda hoje, algo mais importante do que representou a *Orfeu*, mas não foi o meu caso nem o de uma parte da minha geração que, repentinamente, começou a viver o que pode já chamar-se a mi-

tologia do *Orfeu* em função, podia pensar-se, do Fernando Pessoa, mas curiosamente – e foi o meu caso no início – do próprio Mário de Sá Carneiro.

Aqui há uma certa complexidade porque o Mário de Sá Carneiro foi o ídolo da *Presença*, foi também o meu ídolo – e ainda é – tanto como o Fernando Pessoa. Mas esse ídolo e essa adopção plena que eles fizeram do Mário de Sá Carneiro acompanhava-se de uma reticência em relação ao fenómeno Pessoa. A verdade é que este fenómeno era tão estranho, ou é-o ainda, que não cabia na ideologia crítica e cultural da *Presença* propriamente dita. Há uma ligação contínua entre toda a poética que vem do romantismo até à *Presença*, uma poética em que uma espécie de inocência, um tipo de subjectividade quase pura é a responsável pela criação e que tudo o que é contaminado por uma dose de consciência ou de inteligência em relação ao acto criador, de algum modo, em vez de o promover a um estatuto mais complexo ou mais valioso, em última análise o diminui. A *Orfeu* é, por um lado, um momento modernista propriamente dito, no sentido em que repercute o que o modernismo europeu nessa altura, particularmente o futurismo, estava sendo na Europa: a vanguarda. Mas a *Orfeu*, enquanto revista, basta olharem para a capa para verem que é uma capa que veio directamente do século XIX, que é simbolista, é a capa de *O Marinheiro*, é a capa da maior parte dos poemas que estão neste primeiro volume.

Neste primeiro volume está também a *Ode Triunfal* que não tem leitura nesse tempo, não pode ter leitura, porque é um texto ou um intratexto com um autor que não era conhecido, que é o Walt Whitman. Há ali um jogo que não está bem explícito naquela altura e, portanto, ninguém podia saber que espécie de texto louco era este da *Ode Triunfal*, com estas interjeições, todo este arsenal que vem do futurismo e do Walt Whitman. Isso é que fez escândalo, o resto não podia fazer escândalo nenhum, são poemas decadentistas, ultradecadentistas, poemas oníricos, todos eles; a própria colaboração do Almada Negreiros não tem nada a ver com o que o Almada Negreiros vai ser uns tempos depois.

A não ser Mário de Sá Carneiro que é – costuma-se fazer sempre a comparação – o nosso Rimbaud. A sua poesia tem um tipo que, de facto, apresenta um grau de imprevisibilidade, uma energia nas imagens, uma tal falta de articulação racional que o fez tornar-se um caso. O do Pessoa é sempre o contrário. O Pessoa é hiper-codificado, há uma pluralidade de códigos. Qual é o código do Mário de Sá Carneiro? Não é que não tenha códigos, mas são de uma vivência dele com outras poesias que já continham algumas dessas determinações (as de Eugénio de Castro entre outras), mas que ele da maneira mais genial – genial no sentido absoluto – recria. Mário de Sá Carneiro representou uma espécie de ofuscamento, uma poesia que não tem glosa, não tem perífrase, é assim. Como uma música de que não houvesse ainda código anterior, uma espécie de Schönberg ou de Stravinsky da época.

Foi lido muito tarde e, realmente, quem o lê pela primeira vez e nele se reconhece, não nessa poesia provocatória, mais onírica, mais alucinatória, já pré-surrealista do Mário de Sá Carneiro, foi justamente a geração da *Presença*. Mas eram tão diferentes que o que apreciaram no Mário de Sá Carneiro foi a sua poesia mais intimista, uma espécie de Sá Carneiro não arrependido, mas recuado pelo António Nobre. Isso sentiram muito bem, mas foi o Pessoa que ficou sempre neles.

O Fernando Pessoa foi a “pedra da roseta” da *Presença* e da minha geração. Trouxe qualquer coisa que só podia ter leitura muito tempo mais tarde, porque o que vinha dizer nos seus versos, de uma maneira clara, cintilante, era que nos vários sentidos da palavra Deus tinha morrido. Mas, no imaginário português, Deus nunca morre, inclusive para ele que o teve de inventar de outra maneira. No entanto, isso era uma provocação tão forte, uma destruição de todos os códigos da poesia, da crítica, dos valores, da ética, da política, de tudo! O Pessoa é, para a minha geração, um pouco desse desejo que toda a juventude tem de que o mundo acabe e comece outra coisa, uma espécie de um apocalipse, mas que trazia esta coisa extraordinária que é o humor. Não se podia imaginar que fosse poesia a sério, não existia este tipo de visão e de mentalidade e a *Presença* não gostava muito destas graças. A *Presença* não teve nenhuma espécie de humor e o Fernando Pessoa teve seriedade e humor, tudo misturado, ou seja, era um outro código. Foi nesse código que muitos de nós embarcámos e, aparentemente, ainda não desembarcámos, como se vê pela minha conversa.

Nesse tal artigo sobre a *Presença* eu só quis dizer isso, mas, de facto, o sintagma “contra-revolução” é um pouco equívoco; num sentido próprio “contra-revolução” não é apenas como eu insinuo no texto uma espécie de bonapartismo que continua a ir aos valores da revolução, mas contra-revolução é De Maistre. Ora eu só trato ali do imaginário, de poesia e nada mais e já com uma cautela, embora uma cautela um pouco retórica, que é a seguinte: se o momento *Orfeu* é um momento de ruptura e inauguração de qualquer coisa de outro, que nós chamamos a modernidade e o modernismo, estes senhores não são e não estão nesse momento. Podem-no apreciar histórica e criticamente, mas eles são outra coisa e, provavelmente, é por eles serem aquilo que são que nós os admiramos – a minha admiração por Régio é noutra ordem, noutra código, mas é igualmente profunda. No entanto, enquanto revista, a *Presença* teve a veleidade de leccionar criticamente o público português, que bem precisava. Precisamos lê-la para ver qual era o nível do discurso crítico banal, e não só banal em Portugal, na década de trinta. Era muito baixo. De facto, esta gente tinha uma leitura, uma consciência crítica, tinha modelos que eram completamente desconhecidos do público português nessa época e, provavelmente, esta revista teria tido um impacto maior se em vez de ser dos palermas de

Coimbra tivesse sido dos vanguardistas de Lisboa. E nessa altura o público teria sido outro.

Outra coisa ainda de que me apercebi só mais tarde: o Fernando Pessoa não era assim tão coitadinho e tão desconhecido como o João Gaspar Simões nos quer fazer crer. Numa célebre polémica a propósito dos versos do Botto entre o Pessoa e o Álvaro Maia – que eu, francamente, nem sei quem é –, este ficou escandalizadíssimo porque o senhor Álvaro de Campos resolve explicitar o que era o ideal, a estética do paganismo e o que era um autor realmente pagão. É claro que o nosso Álvaro Maia – de resto o texto não é mal apresentado – vai julgar o texto do Pessoa através de uma ética que é a tradicional, a ética do catolicismo sério. Mas o texto dele é de 1922! E começa assim:

“Entre os novos tornou-se um estafado lugar comum o indicar o nome do senhor Fernando Pessoa como um dos mais representativos entre os valores da minha geração”.

Isto em 1922! Estamos a cinco anos do nascimento da *Presença*. Portanto, o Pessoa não tinha assim tanta pressa, mas não há dúvida nenhuma que não há reconhecimento como o do outro, por mais confiança que se tenha em si próprio e se considere génio, gosta-se de ter alguém que o diga – como no célebre episódio do *Evangelho* em que Cristo devia saber que Pedro o amava, mas lhe pergunta “Mas, tu, amas-me?” para poder ouvir a confissão do outro. De maneira que cada geração espera que as mais novas lhe digam: “Eu li isto”, “Você para mim existe”. Senão morre-se de pé dentro de uma solidão interminável. Portanto, esta geração tirou, em parte, o Fernando Pessoa e a sua geração dessa solidão cultural. Será que eles o precisavam em absoluto? Não sei. Em todo o caso, podiam ter directamente esperado pela nossa, porque nós, então, lhe oferecemos a alma e o coração.

Muito obrigado a todos.